

**“FAZ O C DE CADEIA”: A MEMÓRIA DISCURSIVA NA CHARGE DE GILMAR A
RESPEITO DA CAMPANHA DE PABLO MARÇAL À PREFEITURA DE SÃO
PAULO**

Luan Vítor Ferreira de SOUZA¹
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
luanvitorsouza@gmail.com

Davi Jefferson Araújo da SILVA²
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
davijeffersonaraujodasilva@gmail.com

Laurênia Souto SALES³
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
laurenia.souto@academico.ufpb.br

RESUMO: Em 2024, como resposta ao laudo falso publicado por Pablo Marçal, então candidato a prefeito de São Paulo, o cartunista Gilmar publicou, no *Instagram*, a charge “Faz o C de cadeia”, retratando a possível derrota e eventual prisão de Marçal. Tendo isso em vista, pergunta-se: como essa charge retoma e (re)instaura discursos construídos ao longo da campanha de Marçal? Para responder a essa indagação, objetiva-se investigar os sentidos manifestados pela charge, acionando as noções de condições de produção e memória discursiva da Análise do Discurso materialista (Pêcheux, 1995; Orlandi, 2013; Indursky, 2011). A partir da posição assumida pelo autor da charge, ocorre o acionamento de uma memória discursiva, entendida como resultado dos processos de paráfrase e de polissemia.

PALAVRAS-CHAVE: Charge; Análise de Discurso; Memória discursiva; Eleições municipais 2024.

**“DO THE J FOR JAIL”: DISCURSIVE MEMORY IN GILMAR'S CARTOON
REGARDING PABLO MARÇAL'S CAMPAIGN FOR MAYOR OF SÃO PAULO**

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB).

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB).

³ Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING/UFPB).

ABSTRACT: In 2024, in response to the false medical report published by Pablo Marçal, then a candidate for mayor of São Paulo, the cartoonist Gilmar published, on Instagram, the cartoon “Do the J for jail,” depicting Marçal's possible defeat and eventual imprisonment. Considering this, the question arises: how does this cartoon revisit and (re)establish discourses constructed throughout Marçal's campaign? To answer this question, the objective is to investigate the meanings manifested by the cartoon, drawing on the notions of conditions of production and discursive memory (Pêcheux, 1995; Orlandi, 2013; Indursky, 2011). Based on the position taken by the author of the cartoon, a discursive memory is activated, understood as a result of the processes of paraphrase and polysemy.

KEYWORDS: Cartoon; Discourse Analysis; Discursive Memory; 2024 Municipal Elections.

1 INTRODUÇÃO

Em 2024, as redes sociais estiveram bastante movimentadas por causa das eleições municipais brasileiras. Uma das figuras políticas que conseguiu captar a atenção dos internautas foi o candidato à prefeitura de São Paulo, a maior capital do Brasil, Pablo Marçal, do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB). Marçal, aparentemente um *coach* de internet, apresenta-se como uma figura *outsider*, fora do meio político, prometendo acabar com os comunistas instalados na prefeitura de São Paulo. Com um discurso alinhado às pautas políticas de uma direita populista, chamou muita atenção para si por causa da sua habilidade nas redes sociais, usando vídeos de curta duração (cortes) para tratar de temas complexos com frases de efeito e bravatas. Às vésperas das eleições municipais, numa clara tentativa de prejudicar a imagem de Guilherme Boulos, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), também candidato à prefeitura de São Paulo, Marçal publicou em suas redes sociais um suposto laudo médico que associava Boulos ao uso de drogas. O laudo, como se provou depois, era falso e, conforme legislação brasileira vigente, a circulação desse tipo de documento constitui prática criminosa.

Diante disso, não tardou para que houvesse resposta de críticos ao seu *modus operandi*, seja por parte dos seus adversários do pleito, seja por parte de *influencers* e

artistas como o cartunista Gilmar, cujo perfil no *Instagram* (Cartunista das cavernas) reunia, à época, 203 mil seguidores. Gilmar lançou alguns desenhos satirizando a postura de Marçal, retratando sua possível derrota e eventual prisão, a exemplo da charge “Faz o C de cadeia”. Nessa direção, pergunta-se: como essa produção artística retoma e (re)instaura discursos que foram sendo construídos ao longo da campanha por meio dos posicionamentos controversos de Marçal?

A fim de responder a essa indagação, o objetivo deste trabalho é investigar os sentidos manifestados pela charge em questão, acionando, para isso, as noções de condições de produção e memória discursiva provenientes da Análise do Discurso (AD) materialista (Pêcheux, 1995, 1997, 1999, 2008; Orlandi, 2013; Indursky, 2011).

Entende-se que o trabalho se justifica por contribuir para a leitura e compreensão de discursos políticos, e também por ter como objeto de estudo um gênero multimodal como a charge, cuja potência crítica e interpretativa otimiza a reflexão sobre sentidos em circulação. A relevância do estudo também se ampara no arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso materialista (Pêcheux, 1997, 1999), ao investigar as noções de condições de produção e memória discursiva aplicadas aos discursos políticos veiculados em redes sociais.

No que diz respeito à sua estrutura, para além desta *Introdução*, o artigo organiza-se em duas seções principais. A primeira é dedicada à fundamentação teórico-metodológica, com ênfase nas noções de condições de produção, sentidos e memória discursiva, provenientes da Análise de Discurso materialista. A segunda seção concentra-se na análise da charge de Gilmar, discutindo os efeitos de sentidos produzidos e as relações discursivas que a atravessam. Em seguida, são apresentadas as considerações finais.

2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO, SENTIDOS E MEMÓRIA DISCURSIVA

A Análise do Discurso (doravante AD) surgiu na França, na década de 1960, com os autores Jean Dubois, um linguista, e Michel Pêcheux, um filósofo, envolvidos em discussões acerca do marxismo, da psicanálise e da linguística no tratamento de pronunciamentos políticos (Mussalim, 2012). Nessa direção, a AD se caracteriza por investigar a produção de sentidos que são construídos a partir de uma abordagem que integra a língua (linguística), as ideologias (a releitura de Marx por Althusser) e o inconsciente (o sujeito clivado conforme Lacan). Assim, “na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (Orlandi, 2013, p. 15).

Essa abordagem, como se pode perceber, permite que se estudem fenômenos que estejam além da linguística estrita, encontrando possibilidades de trabalho “com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade” (Orlandi, 2013, p. 16). É nesse quadro que se inscrevem gêneros como a charge, materialidade que colige em si tanto elementos verbais quanto não verbais. Em síntese, a Análise de Discurso toma como objeto o discurso.

Para essa corrente, o discurso é o resultado da relação entre sujeitos situados histórica e socialmente, por isso, para a compreensão dos sentidos de qualquer texto, é preciso que se estudem as suas condições de produção. Só a partir dessa compreensão, passamos a falar em discurso.

De acordo com Fernandes (2005, p. 20):

Inicialmente, podemos afirmar que discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem a fala, mas que necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Assim, observamos, em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos em debates e/ou divergências,

sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. As posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares. Vemos, portanto, que o discurso não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real.

Ou seja, analisar o discurso envolve examinar as posições ideológicas assumidas pelos sujeitos ao enunciar. É a partir dessas posições, inscritas em determinadas circunstâncias, que emergem sentidos divergentes sobre um mesmo objeto, configurando formações discursivas (Orlandi, 2010). Pêcheux (1997, p. 190) reforça essa ideia ao dizer que “O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas”.

Para melhor compreender essa questão, tomemos como exemplo os termos *desenvolvimento* e *desmatamento* muito utilizados em debates recentes acerca dos usos de recursos naturais. Recorrentemente, tais termos são usados para transmitir ideologias divergentes. O termo *desenvolvimento* é amplamente utilizado por grupos compostos, de modo geral, por latifundiários e seus representantes políticos, para práticas de expansão agropecuária e exploração de terras preservadas a fim de gerar valor econômico e financeiro. Isso significa dizer que áreas consideradas “ociosas” ou “improdutivas” deveriam ser destinadas à produção agropecuária para gerar lucro e riqueza em detrimento da biodiversidade existente.

Em contrapartida, o termo *desmatamento* é utilizado por aqueles que divergem dessa postura: os grupos formados por setores ambientalistas, preocupados com o ecossistema. Nesse caso, o uso do termo *desmatamento*, para esses grupos, produz o sentido de que a exploração de terras preservadas, ricas em biodiversidade, causa prejuízos ambientais irreversíveis para o planeta, e, por conseguinte, para a sociedade, uma vez que acarreta mais emissões de gases prejudiciais à camada de ozônio, diminuindo a produção

de oxigênio, reduzindo a biodiversidade existente e tão necessária à vida na terra, aumentando o aquecimento global, a erosão do solo, a escassez de água etc. Sendo assim, a ação de desmatar é algo ilegal, criminoso, nociva à própria existência humana, não gera valor econômico sustentável, no fim das contas.

Percebemos, assim, que a escolha lexical empreendida para falar dos usos dos recursos naturais produz efeitos de sentido atravessados por diferentes posições ideológicas. Em síntese, o uso do termo *desenvolvimento* valida positivamente a ação de determinados grupos, enquanto o emprego do termo *desmatamento* inscreve-se em um sentido negativo, significando a prática de desmatar como criminosa e geradora de danos irreversíveis para a natureza e para a sociedade.

Desse modo, são as condições de produção que determinam o discurso e seus efeitos de sentido. As condições de produção incluem o contexto sócio-histórico e ideológico em que o discurso se situa. No exemplo citado, observamos um contexto em que se confrontam posições ideológicas divergentes entre movimentos políticos presentes no capitalismo, movimentos de esquerda e de direita, de modo que essas palavras só adquirem seus sentidos quando relacionadas às posições dos sujeitos que as utilizam, isto é, às formações ideológicas que sustentam essas posições e que constituem as formações discursivas.

De acordo com Orlandi (2010), a formação discursiva (FD) é aquilo que, a partir de uma formação ideológica dada e de uma posição-sujeito inscrita em uma conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito. “É assim que não podemos pensar o sentido e o sujeito sem pensar a ideologia. Do mesmo modo não podemos pensar a ideologia, em termos discursivos, sem pensar a linguagem” (Orlandi, 2010, p. 17). No exemplo discutido, identificam-se, portanto, duas formações discursivas: ao termo *desenvolvimento* pode estar

associada a FD ligada aos latifundiários, enquanto ao temo desmatamento se relaciona a FD dos ambientalistas.

Além disso, a memória discursiva, que é um conjunto de discursos “já ditos” sobre determinado tema, também é acionada, de modo que a noção de memória constitui as produções de sentidos. Contudo, “memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (Pêcheux, 1999, p. 50). Isso significa que a noção de memória está relacionada estreitamente com a produção de sentidos, pois estes se inscrevem em um espaço sociocultural (Fernandes, 2005). Como é posto por Achard (1999), é a estruturação do discursivo que constitui a materialidade de determinada memória.

Retomando o exemplo, é possível observar o funcionamento da memória discursiva quando mobilizamos saberes já estabilizados sobre o que se considera *desenvolvimento* e *desmatamento*. Nesse caminho, “A memória discursiva é trabalhada pela noção de interdiscurso: ‘algo fala antes, em outro lugar e independentemente’. Trata-se do que chamamos saber discursivo. É o já dito que constitui todo o dizer” (Orlandi, 2010, p. 21).

De acordo com Pêcheux (2008, p. 56-57):

Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há uma identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo – isto é, no caso, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre o outro, objeto de identificação.

Ou seja, o autor rejeita a ideia de que um discurso emerge do nada, como se fosse um “aerólito”, um meteoro, que cai do céu sem explicação, sem ligação com nada anterior, mas, ao contrário, todo discurso se inscreve em redes de memória e em trajetórias sociais que lhe são antecedentes. Contudo, mesmo estando preso a essas redes (interdiscursos), o discurso também pode modificá-las, transformá-las. Todo discurso traz em si a possibilidade de romper com sentidos já estabelecidos. É o que Pêcheux (2008) chama de desestruturação-reestruturação.

Os processos parafrásticos (relacionados ao já-dito) e polissêmicos (responsáveis por rupturas e ressignificações), ao gerarem efeitos metafóricos, constituem-se meios eficazes para compreensão do funcionamento da memória discursiva, do interdiscurso. “Chamaremos *efeito metafórico* o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse ‘deslizamento de sentido’ entre *x* e *y* é constitutivo do ‘sentido’ designado por *x* e *y*; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos ‘naturais’” (Pêcheux, 1997, p. 96, grifos do autor).

Assim, à medida que o discurso é produzido em uma determinada conjuntura sócio-histórica, ele sempre vai atuar na sociedade como uma força de deslocamento, pois, só pelo fato de ser enunciado, ele já carrega em si a possibilidade de movimentar sentidos que já foram estabelecidos, de tensionar formações ideológicas e reinscrever a memória discursiva. É como se o discurso, ao ser enunciado, pudesse dar brechas para novos sentidos se materializarem.

3 SENTIDOS EM REDE: A CHARGE DO CARTUNISTA GILMAR E O LAUDO FALSO PUBLICADO POR PABLO MARÇAL

O cartunista Gilmar, por meio do seu perfil na rede social *Instagram*, publica charges de sua autoria, as quais, costumeiramente, satirizam e criticam figuras políticas, de modo a suscitar tanto adesão quanto a reação de *haters*, pessoas que o atacam devido a seus posicionamentos, como se observa nos comentários que acompanham seus desenhos. Notadamente, Gilmar mantém-se alinhado a um pensamento progressista, mais próximo das pautas de movimentos e grupos ligados à esquerda, de acordo com o que demonstra em suas produções, legendas e escolhas temáticas (defesa da democracia, críticas a figuras políticas conservadoras etc.). Exemplo expressivo desse seu posicionamento são as charges que resultaram em uma série de livros dedicados ao período da gestão do ex-presidente Jair M. Bolsonaro (2019-2022).

Figura 1 – Os livros de Gilmar sobre a gestão Bolsonaro.



Fonte: perfil @cartunistadascavernas. Disponíveis em:

https://www.instagram.com/p/CtkKauzv_cb/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==;

https://www.instagram.com/p/CsCKPOVOVRM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 23 abr. 2025.

Os traços do cartunista são elementos constitutivos de sentido. Seus traços extremamente pontiagudos e angulados manifestam sentidos de belicosidade e perigo, enquanto traços mais arredondados fazem emergir sentidos que evocam certa flacidez, peso e até artificialidade. Não raro esses dois traços, características comuns do artista, se

unem para manifestar sentidos complexos ao retratar determinadas figuras políticas. Além disso, os efeitos de sentidos que emergem dessas caricaturas também dependem da compreensão acerca de quem são os caricaturados e em qual momento sócio-histórico-político essas caricaturas surgem, o que nos leva a compreender as relações entre as formações discursivas em interlocução: a do autor e as dos caricaturados.

Figura 2 – Os traços de Gilmar.



Fonte: perfil @cartunistadascavernas. Disponíveis em:
https://www.instagram.com/p/CnUSF8cuPsQ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==;
https://www.instagram.com/p/Ct1RDeQumy0/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==. Acesso em: 23 abr. 2025.

A charge a seguir, publicada no dia 4 de outubro de 2024, retrata o então candidato à prefeitura de São Paulo, Pablo Marçal (PRTB), preso, aos prantos, com a seguinte legenda: “Xiii, parece que vai dar ruim pro picareta aí...”.

Figura 3 – Faz o C de cadeia.



Fonte: perfil @cartunistadascavernas. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DAuda4TO1hk/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==. Acesso em: 23 abr. 2025.

Observa-se, na charge acima, os traços retos das grades, em linhas horizontais e verticais, sobre os quais se sobrepõe uma placa que carrega os dizeres “Faz o C de cadeia”, contrastando com os traços arredondados da figura de Marçal, que se encontra ao centro na parte inferior do desenho. Vale dizer que os traços arredondados do rosto e o retângulo branco que faz as vezes dos dentes da figura de Marçal remetem ao padrão estético da harmonização facial muito difundida entre os influenciadores digitais e *coaches*, grupos aos quais o caricaturado pertence. A caricatura, portanto, ressalta esses aspectos, criando efeitos de sentidos de artificialidade, ilusão.

Recuperemos as condições de produção da charge: na data em questão, o candidato Pablo Marçal havia publicado, em suas redes sociais, um laudo que atribuía a Guilherme Boulos (PSOL), o seu maior desafeto na disputa à prefeitura de São Paulo, o uso de drogas. Entretanto, constatou-se depois que o laudo era falso, pois o médico que “assinou” o documento havia falecido antes da data de emissão, conforme constatou o Instituto de Criminalística de São Paulo.

Desse modo, quando Gilmar retrata, em sua charge, a figura de Pablo Marçal atrás das grades acompanhada dos dizeres “Faz o C de cadeia”, ele articula um fato, a

publicação de um laudo falso por Marçal, a uma possível consequência desse ato, a eventual prisão de Marçal pelo crime de falsidade ideológica e difamação. Em resumo, temos na charge a clássica relação entre causa e efeito, acrescida do tom satírico característico do gênero.

Ademais, quando nos voltamos aos procedimentos de análise da AD, compreendemos que os sentidos não existem em si, mas são determinados pelas posições ideológicas em jogo em processo sócio-histórico de interlocução (Pêcheux, 1995). Nessa direção, é a partir da posição assumida pelos sujeitos, inscritos em dada formação discursiva e em dada formação ideológica, que é possível compreender os sentidos produzidos na charge.

A começar pelo autor da charge, vimos que Gilmar se inscreve em uma formação discursiva alinhada ao campo progressista de esquerda, contrastando com o posicionamento claramente assumido por Marçal, o caricaturado, defensor de uma direita mais extrema e populista. Via de regra, emergem dessa relação entre esquerda e direita sentidos de exclusão, reprovação, crítica e censura mútuas.

No caso da charge, os sentidos são de reprovação e de sanção ao ato de Marçal. Isto é, reprovação à lógica do “vale-tudo” discursivo assumida por certa direita populista, da qual o caricaturado lança mão durante a disputa eleitoral. A partir da charge, observamos a FD do autor-cartunista (inscrita em uma formação ideológica à esquerda) em relação com a FD do caricaturado (inscrita em uma formação ideológica à direita), construindo efeitos de sentido que são mobilizados via memória discursiva.

A charge, a partir dos dizeres sobrepostos nas grades que aparecem no desenho “Faz o C de cadeia”, aciona ainda uma memória discursiva (um já-dito), ao mobilizar a expressão “Faz o M” (de Marçal), recorrentemente utilizada por Pablo Marçal para promover a sua candidatura. Todavia, essa última expressão também retoma outra similar,

“Faz o L” (de Lula), muito usada na campanha presidencial do atual presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em 2022. Essa memória sustenta toda a possibilidade de dizer da charge.

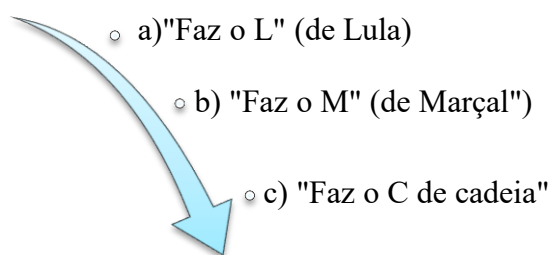
De acordo com Indursky (2011, p. 71), em torno da memória, pode-se dizer que:

[...] se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido. São os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados. [...] a repetição também pode levar a um deslizamento, a uma ressignificação, a uma quebra do regime de regularização dos sentidos.

Nessa direção, vemos que a expressão “Faz o C de cadeia” repete, retoma os sentidos que constituem uma memória social, o “Faz o M” (de Marçal) e o “Faz o L” (de Lula), ao mesmo tempo que leva a deslizamentos semânticos. Há uma ressignificação em cada retomada. Logo, há uma quebra do regime de regularização dos sentidos. Podemos pensar essas retomadas e ressignificações a partir das tensões entre processos parafrásticos e polissêmicos sobre os quais todo o funcionamento da linguagem se assenta. Por meio dos processos parafrásticos, há algo em todo dizer que sempre se mantém, ou seja, o dizível, a memória. Já por meio dos processos polissêmicos há um deslocamento, uma ruptura dos processos de significação (Orlandi, 2013). Ambos os processos engendram a noção de efeito metafórico (Pêcheux, 1997).

Vejamos a seguir o efeito metafórico, o deslize (a deriva) com base nas expressões supracitadas:

Figura 4 – Efeito metafórico



Fonte: elaboração própria.

Como pondera Pêcheux (1997), o efeito metafórico é esse fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual. Na representação acima, vemos que, do ponto *a* ao ponto *c*, houve mudanças, deslizamentos de sentido. Todavia, essas mudanças são sustentadas “em um mesmo ponto que desliza de próximo em próximo, o que nos leva a dizer que há um mesmo nessa diferença” (Orlandi, 2013, p. 79). Como se pode observar, em todos os três enunciados, há a seguinte estrutura sintática: verbo *fazer* + complemento verbal (via de regra, objeto direto cujo núcleo diz respeito à letra inicial de um substantivo próprio ou comum). É justamente sobre o complemento verbal que incide a substituição contextual, resultando o efeito metafórico.

Na charge, há a retomada do já-dito (Faz + letra inicial da pessoa ou coisa + adjunto adnominal, relação de posse, a quem ou ao que pertence a letra), mas há também alterações de palavras, portanto há alterações semânticas, uma resignificação que rompe com o regime de regularização dos sentidos. A cada substituição criam-se processos de produção de sentidos, “vemos aí a historicidade representada pelos deslizamentos produzidos nas relações de paráfrase que instalam o dizer na articulação de diferentes formações discursivas, submetendo-os à metáfora (transferências), aos deslocamentos: possíveis ‘outros’” (Orlandi, 2013, p. 79).

No enunciado *a*, temos uma FD inscrita em uma formação ideológica alinhada à esquerda, pró-Lula (campanha presidencial, 2022). No enunciado *b*, há uma FD inscrita em

uma formação ideológica alinhada à direita, pró-Marçal (campanha à prefeitura de São Paulo, 2024). Além disso, o enunciado *b* retoma o enunciado anterior para ressignificá-lo, nesse caso, observamos duas FDs em relação. A mesma situação ocorre no enunciado *c* quando retoma os enunciados *a* e *b*. No enunciado *c*, a FD está inscrita em uma formação ideológica à esquerda, anti-Marçal (a charge acerca da campanha municipal de São Paulo, 2024). Observamos, portanto, que o enunciado *c* traz em si todos os sentidos dos outros, repetindo-os e alterando-os. Traz em si a memória, o interdiscurso, a relação de um discurso com outros. Ainda, esse efeito metafórico, esse deslizamento de um enunciado em outro, nos faz compreender a historicidade.

De acordo com Orlandi (2013, p. 31):

A memória, por sua vez, tem suas características quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.

A partir disso, quando o autor da charge coloca “Faz o C de cadeia”, ele se apoia em toda uma memória discursiva que já foi construída anteriormente para poder gerar outros efeitos de sentidos, o de oposição sendo um deles. O jogo verbo-visual da charge, além de satirizar o candidato Marçal, o que é comum ao gênero, evidencia o cruzamento de formações discursivas inscritas em formações ideológicas diversas, o que nos leva a perceber efeitos de sentidos completamente diferentes em enunciados relativamente semelhantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, vimos que a Análise do Discurso, por meio das noções de condições de produção, efeitos de sentido e memória discursiva (interdiscurso), nos ajudou a compreender/ler/interpretar os sentidos imbricados na linguagem da charge, evidenciando o seu funcionamento discursivo. Nessa direção, observamos, em primeiro lugar, que as condições de produção são fundamentais para a compreensão dos sentidos, visto que estes dependem das posições assumidas pelos sujeitos, inscritos em dadas formações discursivas e ideológicas, situados em dada conjuntura sócio-histórica. E, em segundo lugar, verificamos que as tais formações discursivas e ideológicas partem de uma memória (o interdiscurso) para poder dizer o que dizem, mobilizando o já-dito (processos parafrásticos) e o ressignificando (processos polissêmicos), o que gera o efeito metafórico.

Quando aplicadas à charge, essas noções nos possibilitaram a interpretação das posições ideológicas assumidas tanto pelo autor da charge como pelo caricaturado, bem como contribuem para evidenciar as relações interdiscursivas em torno da expressão “Faz o C de cadeia”, expressão que recupera um já-dito e o ressignifica a partir da FD do cartunista. Decorrem disso, efeitos de sentidos que satirizam o *slogan* da campanha de Marçal, que passa de “Faz o M” (de Marçal) para “Faz o C de cadeia”. Assim, o autor da charge desloca os sentidos do *slogan* de modo que, ao final das contas, pareça que Marçal empreendeu uma campanha em prol da sua própria prisão, e não para se eleger prefeito de São Paulo, tendo em vista o ato criminoso da divulgação do laudo falso.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre *et al* (orgs.). **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

BARBOSA, M. Gilmar. [Ascensão e Queda de Bolsonaro Efeito Lula]. 2023. Instagram. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/CsCKPOVOVRM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 23 abr. 2025.

BARBOSA, M. Gilmar. Ascensão e Queda de Bolsonaro Efeito Lula. 2023. Instagram. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/CtkKauzv_cb/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 23 abr. 2025.

BARBOSA, M. Gilmar. [Cartão Corporativo]. 2023. Instagram. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/CnUSF8cuPsQ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 23 abr. 2025.

BARBOSA, M. Gilmar. [Jair Bolsonaro e Donald Trump]. 2023. Instagram. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/Ct1RDeQumy0/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 23 abr. 2025.

BARBOSA, M. Gilmar. [Faz o “C” de cadeia]. 2024. Instagram. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/DAuda4TO1hk/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 23 abr. 2025.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso:** reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, S.; LEANDRO FERREIRA, M. (orgs.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 67-90.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras, volume 2. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 113-166.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso. In: ORLANDI, Eni P; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (orgs.). **Introdução às ciências da linguagem**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010. p. 11-32.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 11^a. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani *et al.* 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al* (orgs.). **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999. p. 49-58.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni P Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

RECEBIDO EM: 05 de maio de 2025
APROVADO EM: 09 de setembro de 2025
Publicado em dezembro de 2025